

NOS PORÕES DA HISTÓRIA

Emoção e revolta marcam testemunhos de ex-dirigentes do Sindicato sobre a ditadura

Num evento histórico realizado na última terça-feira, dia 19, no auditório do Sindicato, o depoimento de ex-dirigentes do Sindicato dos Bancários sobre as prisões, torturas e assassinatos cometidos pelo regime militar trouxe emoção e indignação para as pessoas quem estavam na plateia do chamado Testemunho da Verdade ou acompanharam os relatos pela transmissão on line pelo nosso site. O evento foi realizado para trazer à tona as atrocidades cometidas pela ditadura, como o assassinato do ex-presidente do Sindicato Aluisio Palhano, cujo corpo jamais foi encontrado.

Os relatórios serão enviados à Comissão da Verdade Estadual e à Nacional.
Assista o vídeo com os depoimentos, na íntegra, em nosso site: www.bancariosrio.org.br.
Confira mais detalhes na página 4.

FOTOS: NANDO NEVES



“Fui colocado, encapuzado, numa cela chamada geladeira durante dias. Não me deixavam dormir, batiam minha cabeça na parede, davam socos e pontapés. Diziam que pegariam minha família, que violentariam minha esposa.”

Auri Gomes da Silva – diretor do Sindicato em 1963

“Sangrávamos muito na boca, nas mãos, nas pernas. Perdi vários dentes, mas muitos perderam a vida”.

Samuel Henrique Maleval – ex-diretor do Sindicato



“A perseguição a bancários e outros sindicalistas foi inclemente, principalmente depois de 1968, com o AI-5. As pessoas que torturaram e mataram têm que ser julgadas e presas por estes crimes, como aconteceu na Argentina e no Chile.”

Jorge Couto – vice-presidente do Sindicato, em 1971.
Não chegou a tomar posse

“Em 17 de abril de 1972 um batalhão armado invadiu o Sindicato. Prenderam toda a diretoria. Nos xingavam. Ameaçavam arrancar nossas unhas com alicates. Fizeram tortura psicológica. Ficamos presos 46 dias.”

Edmilson Martins de Oliveira – Presidente do Sindicato, em 1972



Contra o Racismo

O professor e militante do movimento negro Amauri Pereira lança nesta terça-feira (26), no auditório do Sindicato (Av. Presidente Vargas, 502/21º andar), o livro de sua autoria “Encruzilhada na luta contra o racismo no Brasil”.

BANCÁRIOS SOBEM A SERRA

Passeio de motociclistas

A Secretária de Cultura, Esportes e Lazer do Sindicato convida todos os bancários motociclistas para o primeiro encontro em Petrópolis. O evento vai acontecer no dia 7 de dezembro e tem vagas limitadas. É necessário que os motociclistas tenham uma moto de, no mínimo, 250 cilindradas. Uma taxa simbólica de R\$25 será cobrada para a confecção das camisetas e para a realização de um churrasco, que acontecerá na cidade. As inscrições podem ser feitas pelo telefone 2103-4150/4151. A saída será às 10h, na Av. Presidente Vargas, 502. A volta será no mesmo dia. Não perca esta grande confraternização. Garanta logo sua vaga!

TORNEIO 2014

Em clima de Copa do Mundo

Nada como ter uma competição de bancários defendendo as seleções que tradicionalmente disputam a Copa do Mundo. É o que vai acontecer num torneio que vai inaugurar as reformas da sede campestre do Sindicato, em Jacarepaguá. A competição está prevista para a segunda quinzena de janeiro de 2014.

Ao nome da equipe campeã Unibanco Uniamigos, por exemplo, será acrescido "Brasil", ficando, dessa forma, Unibanco Uniamigos Brasil. As demais equipes terão os nomes das seleções estrangeiras sorteados, tantas quantas forem as equipes inscritas para a competição anual dos bancários, acrescentando Itália, Alemanha, Rússia, Espanha, Portugal. Até mesmo seleções não classificadas para a Copa do Mundo poderão ter seus nomes utilizados no torneio, se o número de times inscritos ultrapassar o de seleções estrangeiras que vão jogar.

As inscrições já estão abertas com previsão de início da competição para o fim do próximo mês de janeiro.

As normas de participação exigem que todos os atletas sejam bancários sindicalizados. Os dependentes de ex-bancários, bem como os terceirizados, também devem ter essa condição devidamente comprovada.

Cada time pode ter até cinco ex-bancários, dependentes ou terceirizados. Também poderão participar atletas bancários de outras categorias ou bases sindicais.

Graças à pressão sistemática do Sindicato, a Caixa Econômica Federal vai disponibilizar um serviço de ambulâncias para prestar socorro a empregados, terceirizados e clientes da empresa. O sistema atenderá inicialmente aos prédios da Almirante Barroso e do Jurídico. Mas a ideia, segundo explicou o diretor do Sindicato Paulo Matileti, é continuar cobrando para que o serviço seja estendido a todas as unidades do país.

"Esta foi uma conquista importantíssima. Vimos lutando, exigindo da direção da Caixa a colocação de ambulâncias para socorrer pessoas que passem mal, principalmente nas grandes unidades. Conseguimos uma vitória, mas queremos que seja para todo o país. E que isto sirva de exemplo também para os demais bancos", afirmou. O dirigente lembrou que a luta começou em 2008. "Só no prédio da Barroso circulam aproximadamente 4 mil pessoas, todos os dias, entre empregados, terceirizados e usuários. Não havia como ignorar a necessidade imperiosa deste serviço", argumentou.

VITÓRIA!

Sindicato consegue serviço de ambulância em prédios da Caixa

FOTO: NANDO NEVES



SOLIDARIEDADE - O diretor do Sindicato Paulo Matileti lembrou a importância da atuação solidária da Gerência de Gestão de Pessoas (Gipes) para a conquista da ambulância

CAIXA

Chapa apoiada pela Contraf-CUT vence primeiro turno na eleição para Conselho de Administração

A Chapa 130 foi a mais votada no primeiro turno das eleições para representante dos empregados no Conselho de Administração da Caixa Econômica Federal. Integrada por Fernando Neiva (titular) e Maria Rita Serrano (suplente), é apoiada pela Diretoria da Fenae e por diversos sindicatos, entre eles o do Rio de Janeiro, federações, associações e Contraf/CUT.

Com 6.094 votos, a Chapa 130 vai disputar o segundo turno com a Chapa 56, apoiada pela Fenag/gestores, que obteve 4.427 votos. O total de votantes foi de 33.211 empregados. O resultado foi anunciado após o fim da votação eletrônica, na noite desta segunda-feira (18). As seis chapas mais votadas foram: Chapa 130 (6.094 votos), Chapa 56 (4.427 votos), Chapa 140 (2.962 votos), Chapa 149 (2.952 votos), Chapa 88 (2.237 votos) e Chapa 137 (1.890



FOTO: DIVULGAÇÃO

Maria Rita Serrano e Fernando Neiva contam também com o apoio do presidente do Sindicato Almir Aguiar e de diretores do Sindicato

votos). O segundo turno será realizado entre os dias 2 e 6 de dezembro.

Para Jair Pedro Ferreira, vice-presidente da Fenae e coordenador da Comissão Executiva dos Empregados (CEE/Caixa), com a eleição, o proces-

so democrático sai valorizado. "Essa votação fortalece uma importante conquista dos trabalhadores, que é a escolha de um representante no conselho de administração das empresas públicas federais".

DEBATE E AÇÃO

Participantes do II Fórum pela Visibilidade Negra assumem compromissos de atuação

Os sindicalistas bancários que participaram do II Fórum pela Visibilidade Negra no Sistema Financeiro aprovaram uma carta com as resoluções do evento. O documento traz não só a posição dos dirigentes sobre os temas discutidos, mas também propostas de atuação e realização de atividades. Um dos compromissos assumidos foi o de realizar o Fórum a cada dois anos, de forma itinerante.

Andréa Freitas de Vasconcelos, secretária de Políticas Sociais da Contraf-CUT, ressalta que o Fórum inovou ao trazer para o centro do debate o racismo institucional. “Ele é tão mascarado que os sindicalistas dificilmente o discutem. Talvez porque alguns de nós não tenham, ainda, se apropriado do tema e não estejam convencidos de que classe e raça são dois temas que estão imbricados”, explica. Para a diretora, o caminho para mudar esta situação é incluir a discussão do racismo e da igualdade de oportunidades na política de formação das entidades. “Esta postura exige disciplina. Não adianta ter vontade, mas estudar. O dirigente tem que buscar permanentemente a atualização dos conhecimentos”, acredita.

Para Andréa, a discussão sobre racismo precisa ganhar mais peso na pauta do movimento sindical. “Nós, dirigentes, precisamos ter coragem para pautar o assunto. As mesas temáticas têm sido importantes para as



Sindicalistas e palestrantes comemoram o êxito do II Fórum Nacional pela Visibilidade Negra no Sistema Financeiro

chamadas cláusulas sociais. Muitas das pautas destas mesas vão sendo amadurecidas e acabam se consagrando na mesa da Fenaban e entrando na Convenção Coletiva”, ressalta.

AMEAÇA IMINENTE

Almir Aguiar, presidente do Sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro, apresentou um desafio imediato para os militantes do movimento negro: as tentativas de derrubar o feriado de 20 de novembro, dia da Consciência Negra e aniversário de morte de Zumbi dos Palmares. “A Associação Comercial do Paraná obteve uma liminar junto ao Tribunal de Justiça do estado

cancelando o feriado, alegando prejuízos ao comércio. Este tipo de iniciativa tem que ser fortemente combatido, já que pode abrir um precedente. Almir pediu apoio ao PLS 302/204, de autoria do senador Paulo Paim (PT),

que completa a lei já em vigor, oficializando a data como feriado em todo o país.

A diretora de Políticas Sociais do Sindicato Kátia Branco destacou a importância do Fórum. “É fundamental implementar as resoluções aprovadas na carta-compromisso. Além de referendar as decisões do primeiro Fórum, realizado no ano passado, o documento aprofundou o debate e ampliou o leque de ações das entidades e dos militantes do movimento sindical no combate ao racismo e à discriminação, e na luta em defesa da igualdade de oportunidades”, disse. A sindicalista destaca ainda que o Sindicato vai promover três atividades neste mês: dia 26, palestra com o professor Amauri Pereira; no dia 28, debate sobre o tema racismo; e no dia 29, uma festa especial do Botequim Bancário para fechar as atividades em comemoração ao mês da consciência negra.

Debate enfoca reparação histórica do povo negro

Um debate nesta quinta-feira (28), às 18h, vai abordar a reparação histórica aos descendentes negros do Brasil e aos povos indígenas. Entre os debatedores estarão o militante do Movimento Negro Unificado (MNU) Osvaldo Sérgio Mendes, a professora Vanda Maria Souza Ferreira e a jornalista Roseane Rodrigues, autora do livro *Nós do Brasil*.

ITAÚ

Funcionários de Departamento de Crédito trabalham além da jornada

Além de trabalhar aos sábados e nos feriados, empregados sofrem pressão psicológica para atingir metas impostas pelo banco

Os funcionários do Departamento de Recuperação de Crédito do Itaú - Raet (Regime de Administração Temporária) - que trabalham na Avenida Rio Branco, 123, não têm mais tempo para a família, o lazer ou mesmo para estudar. É que a direção do banco está impondo uma carga de trabalho muito além da jornada da categoria. Além de trabalhar mais durante toda a semana, os bancários são convocados para plantões aos sábados e até nos feriados. A justificativa do banco é que o setor precisa atingir uma meta de faturamento de R\$10 milhões até dezembro deste ano. Ape-

sar de receberem as devidas horas extras, os empregados sofrem com a sobrecarga de trabalho.

“O banco não tem o direito de explorar os funcionários desta forma. As metas estabelecidas pela empresa não podem ser batidas à custa do sofrimento e da saúde dos trabalhadores”, critica o diretor do Sindicato Marcelo Ribeiro.

ASSÉDIO MORAL

Além do excesso de jornada, os empregados sofrem todo o tipo de pressão psicológica em função das metas.

“É sempre a mesma história. O banco vem com o discurso de que ‘ninguém é obrigado a trabalhar nos finais de semana e feriados’, mas faz insinuações, dizendo que aqueles que não aceitam a extensão da jornada ‘não fazem mais parte do grupo’ e ‘estão jogando contra a equipe’, numa clara forma de assédio moral contra os trabalhadores”, denuncia Marcelo.

O Sindicato está apurando as denúncias e vai cobrar do Itaú uma negociação para solucionar o problema no setor.



O diretor do Sindicato Marcelo Ribeiro cobra da direção do Itaú uma negociação para solucionar os problemas no setor de recuperação de crédito do banco

Ex-dirigentes do Sindicato dos Bancários testemunham sobre crimes da ditadura militar

Ex-diretores do Sindicato dos Bancários presos e torturados relataram a violência cometida contra eles pela ditadura militar. O regime de exceção teve início com o golpe de Estado de 1964 que derrubou o governo democrático e popular de João Goulart e acabou em 1985. Os depoimentos, chamados de Testemunhos da Verdade, foram feitos na última terça-feira (19), no auditório do Sindicato, e serão enviados, em forma de relatórios, à Comissão da Verdade Estadual e à Nacional, para mostrar o que aconteceu realmente nos anos de chumbo no Brasil no movimento sindical. Existe, ainda, a possibilidade de servirem de prova para ações judiciais a

serem movidas contra os mandantes e executores de torturas e assassinatos.

Os testemunhos sobre a repressão que se abateu sobre os sindicatos estão sendo tomados pelo Grupo de Trabalho Sindical da Comissão da Verdade, em todo o país. No Rio de Janeiro o GT Sindical Estadual escolheu, prioritariamente, os sindicatos mais combativos, e que, por isso mesmo, foram mais atingidos pela dura repressão militar, entre eles o Sindicato dos Bancários, o dos Portuários, Metalúrgicos, Ferroviários e o dos Operários Navais. “Outra intenção é mostrar à sociedade os crimes cometidos pela ditadura e a necessidade de se aperfeiçoar a democracia para que esse tipo de regime nunca mais volte a se implantar no país”, afirmou Geraldo Cândido, ex-presidente da CUT/RJ e coordenador do GT Sindical da Comissão da Verdade do Estado do Rio. A representante do Sindicato no GT, Rita Motta, argumentou que a entidade foi um foco de resistência à ditadura e que esses relatos são importantes para mostrar o que aconteceu com a categoria e seus dirigentes naquele período.

TORTURA E INTERVENÇÃO

O presidente do Sindicato, Almir Aguiar, frisou, durante o evento, que o depoimento dos ex-dirigentes é de um simbolismo muito grande, já que o Sindicato esteve sob intervenção e muitos diretores da entidade foram mortos.

O primeiro a relatar de que forma a repressão militar atingiu o Sindicato foi Auri Gomes da Silva. Eleito diretor da entidade em 1963, teve seus direitos políticos cassados pela ditadura. “No dia 1º de abril, o Sindicato foi invadido por tropas do Exército. Eu e outros companheiros de diretoria fomos presos, levados para o



Os depoimentos sobre as prisões, tortura e morte de dirigentes sindicais na ditadura militar emocionaram os participantes do evento histórico realizado no auditório do Sindicato

Dops (Departamento de Ordem Política e Social) e interrogados. Voltamos ao Sindicato em 1967. Em 1968, com o Ato Institucional número 5, a brutalidade foi maior”, contou. Lembrou que toda a diretoria da entidade foi presa e levada para o DOI-Codi (Destacamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna). “Fui colocado, encapuzado, numa cela chamada geladeira durante dias. Não me deixavam dormir, batiam minha cabeça na parede, davam socos, pontapés. Fui torturado também psicologicamente. Diziam que pegariam minha família, que violentariam minha esposa. Trinta dias depois me devolveram para o banco. Queriam arrancar alguma informação”, disse.

Samuel Henrique Maleval foi preso pela Polícia Civil e liberado em 1964. Em 1968, foi preso com mais cinco pessoas quando participava da Marcha dos 100 mil. No Dops, torturadores batiam com porretes nas pessoas. “Sangrávamos muito na boca, nas mãos, nas pernas. Perdi vários dentes, mas muitos perderam a vida”, lamentou. Em 1975 contou que o Sindicato foi invadido novamente e fi-

cou sob intervenção.

CRIMINOSOS IMPUNES

Jorge Couto foi eleito vice-presidente do Sindicato em 1971. Mas não chegou a tomar posse. Teve seus direitos políticos cassados. “Fui levado ao Dops e à Auditoria da Aeronáutica, onde prestei depoimento. A perseguição a bancários e outros sindicalistas foi inclemente, principalmente depois de 1968, com o AI-5. Era o governo Médici”, lembra. Segundo Jorge Couto, para se assegurar que a ditadura não voltará é preciso a Comissão da Verdade levar à frente suas investigações. “As pessoas que torturaram e mataram têm que ser julgadas e presas por estes crimes, como já aconteceu em países da América do Sul, como a Argentina e o Chile”, defendeu. Couto acrescentou que a Lei da Anistia acabou por acobertar os torturadores. “Isto tem que ser revisto. Os criminosos não podem ficar impunes”.

O último a prestar seu testemunho foi o presidente do Sindicato no ano de 1972, Edmilson Martins de Oliveira. “Foi o período Médici, o ditador mais sangrento e violento de todo

aquele período. Em 17 de abril de 1972 um batalhão armado invadiu o Sindicato. Prenderam a diretoria toda. Nos xingavam. Queriam saber onde estavam os ‘comunistas infiltrados’. Ameaçavam arrancar nossas unhas com alicates. Fizeram tortura psicológica. Ficamos presos 46 dias. Seríamos levados para o DOI-Codi onde certamente seríamos torturados. Isso só não aconteceu porque o cardeal na época, Dom Eugênio Sales, intercedeu”, contou. Foi cassado o mandato de toda a diretoria. E mais uma vez o Sindicato ficou sob a intervenção da ditadura.

Participaram da mesa o presidente da Comissão Estadual da Verdade, Wadih Damous; o presidente do Sindicato, Almir Aguiar; o dirigente da CUT-RJ Jadir Baptista; o membro da Comissão Estadual da Verdade Geraldo Cândido; a advogada Rosa Cardoso (membro da Comissão Nacional da Verdade); o ex-presidente do Sindicato e dirigente do Conlutas Cyro Garcia (PSTU); e o deputado estadual Gilberto Palmares (PT).

Confira mais informações sobre o evento em nosso site: www.bancaoriosrio.org.br